



A PESCA E A LINGUAGEM EM SIRIBINHA E BOM JESUS DOS PASSOS: POSSÍVEIS OLHARES LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICOS
FISHING AND LANGUAGE IN SIRIBINHA AND BOM JESUS DOS PASSOS: POSSIBLE LINGUISTIC-ETHNOGRAPHIC VIEWS

Thais Dultra Pereira¹

RESUMO:

O presente estudo propõe um olhar linguístico-etnográfico nos resultados da pesquisa de Mestrado *A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos* (DULTRA, 2011), que investigou a fala de pescadores e marisqueiras na Bahia, com vistas a identificar particularidades tanto linguísticas quanto extralinguísticas em ambas as localidades. Trata-se de um recorte, em que selecionaram-se algumas formas lexicais que permitiram identificar aspectos etnolinguísticos relevantes nas comunidades estudadas. Para a pesquisa, foram considerados os aportes teóricos da dialetologia pluridimensional, das ciências do léxico e da etnolinguística. No que diz respeito à metodologia, adotou-se a seleção de informantes de ambos os sexos, atendendo a três faixas etárias distintas, para que fosse possível analisar aspectos em tempo aparente. Também foram realizados inquéritos *in loco*, a partir da aplicação de um questionário baseado na metodologia do Atlas Linguístico do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), no questionário reduzido do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP) (VITORINO, 1987), e nos trabalhos consultados sobre a linguagem da pesca. Dos resultados encontrados foi possível perceber que, além dos aspectos lexicais e geossociolinguísticos, há um produtivo diálogo entre a Geolinguística e a Etnografia. Em última análise, o artigo aponta algumas perspectivas para investigações de fenômenos culturais a partir de dados linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades pesqueiras; Linguística; Etnografia; Geolinguística; Etnolinguística.

¹ Professora da Faculdade Metropolitana de Camaçari, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, vinculada ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, thaisdp@ufba.br.



ABSTRACT:

This study proposes a linguistic-ethnographic look at the results of the Master's research *A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos* (DULTRA, 2011), which investigated the speech of fishermen and shellfish gatherers in Bahia, done on purpose of identifying both linguistic and extra-linguistic particularities in both locations. It is an excerpt in which some lexical forms which allowed the identification of relevant ethnolinguistic aspects in the communities studied were selected. For the research, the theoretical contributions of multidimensional dialectology, lexical sciences, and ethnolinguistics were considered. Concerning the methodology, the selection of informants of both genders was adopted, attending to three different age groups, in such a way that it was possible to analyze aspects in the apparent time. Based on the application of a questionnaire set up on the methodology of the Linguistic Atlas of Brazil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), on the reduced questionnaire of the Linguistic Atlas of the Portuguese Coast (ALLP) (VITORINO, 1987) and on the researches consulted on the language of fishing, in loco surveys were also implemented. It was possible to perceive, from the results found, that, in addition to the lexical and Geosociolinguistic aspects, there is a productive dialogue between Geolinguistics and Ethnography. At length, the article indicates some perspectives for investigating cultural phenomena based on linguistic data.

KEYWORDS: Fishing communities; Linguistics; Ethnography; Geolinguistics; Ethnolinguistics.

À guisa de introdução

A pesca é uma atividade complexa, que leva em consideração a diversidade de espécies e seus inúmeros habitats, necessitando da utilização de petrechos específicos, diferentes tipos de embarcações e estratégias para a captura do pescado. A necessidade e a possibilidade de estar constantemente em contato com o ambiente natural proporcionam aos envolvidos nessa atividade que, para além de uma profissão, é também um modo de vida, alcançar a compreensão sobre o meio e seus recursos.

Diferentemente da pesca industrial, que lança mão de grandes embarcações, com técnicas eficientes de conservação e armazenamento do pescado, a pesca artesanal é usualmente conhecida como uma atividade desenvolvida através da utilização de barcos de pequeno porte, propulsionados a remo, a vela ou por motor de baixa potência. Os conhecimentos a ela associados são majoritariamente adquiridos por meio de experiências e convívio, pelos vínculos das famílias, transmitidos de geração em geração, pelos mais velhos da comunidade ou pela interação com os companheiros de pescaria e com o universo pesqueiro.

No estado da Bahia, a pesca também possui numerosas e complexas características que levam em consideração fatores sociais, econômicos e ambientais intrínsecos, principalmente no que diz respeito às comunidades litorâneas e ribeirinhas, sobretudo quanto à pesca artesanal. Os falantes de Siribinha e Bom Jesus dos Passos², por viverem no mesmo ambiente ecológico

² Siribinha e Bom Jesus dos Passos são comunidades pesqueiras do estado da Bahia. A primeira está

e, conseqüentemente, profissional, resguardam importante acervo histórico e cultural de suas comunidades de fala, o que permite, através da análise da linguagem da pesca, conhecer um pouco da realidade linguística enquanto heterogênea e plural.

Estudar a linguagem humana em suas mais variadas formas de manifestação é tarefa indispensável aos que desejam conhecer não apenas como se dá a comunicação entre os indivíduos, mas também aos que se interessam por desvendar os hábitos, cultura, costumes e comportamentos sociais. Ao seguir na direção desses estudos, percebe-se que conhecer a língua pode ser um profícuo caminho, pois é através dela que se tem acesso ao que é mais caro aos indivíduos: a vida em sociedade. Assim, aos linguistas interessa, sobretudo, investigar os usos da língua, suas nuances, características, bem como explicar os mecanismos diversos a que estão sujeitas a comunicação e as relações entre os indivíduos.

Ao se estudarem fenômenos linguísticos, há que se considerar uma relação intrínseca desta com os fatos sociais. Há que se reconhecer, assim, a importância dos estudos dialetais, pois, pesquisas que envolvem as variantes linguísticas, em todas as suas vertentes – diatópicas, diageracionais, diassexuais e diastráticas – são relevantes a todos que se interessem pela cultura de um povo, uma vez que é através da língua – e, no estudo em questão, do léxico – que aspectos inerentes a cada comunidade são mantidos e, também, passados aos seus descendentes.

Ao entender que uma determinada comunidade linguística faz uso de processos comunicativos através de um sistema oral, e que essa manifestação acústico-oral caracteriza a noção de língua, esse sistema fatalmente carrega consigo conseqüências de um processo histórico, cuja dinâmica pode propiciar mudanças no conjunto lexical formador do universo linguístico. E, sabendo que as línguas se modificam, embora esse fato não se faça perceptível à consciência do falante, por este estar envolvido numa diversidade de manifestações, tem-se a possibilidade de apontar as diferenças etárias, as diatópicas, diastráticas e diafásicas, através das incessantes marcas de variação percebidas nessas falas.

O conhecimento dessas diferenças permite uma melhor compreensão da língua como um todo, o que justifica tanto estudos dialetológicos como etnolinguísticos. Concebendo os dialetos como subsistemas constitutivos de um determinado sistema de língua e, ainda, que as relações entre língua, sociedade e cultura são tão intrínsecas, o que torna difícil, muitas vezes, separar uma da outra, ou dizer onde começa uma e termina a outra, a etnolinguística é a disciplina necessária para entender a relação homem, sociedade e civilização e, nas palavras de Coseriu (1978), deve se

situada no município de Conde, ao norte da capital baiana, e a segunda, na Baía de Todos os Santos, fazendo parte do município de Salvador e considerada um bairro da capital. Ambas foram selecionadas para a investigação da linguagem da pesca, conforme detalhamento neste estudo.

ocupar em estudar a variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

Outro fator que há de ser considerado é a linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural, sobretudo no que diz respeito ao fator diatópico. Algumas variações regionais podem ser, muitas vezes, sociais, e é nesse sentido que estudos relacionados ao léxico da pesca podem contribuir consideravelmente para compreensão da linguagem humana nos seus diversos aspectos. Além disso, a linguagem configura-se num símbolo utilizado pelos indivíduos e permite avaliar hábitos de um grupo, construindo, assim, uma realidade linguística.

Linguagem, pesca e etnolinguística

O estudo de uma linguagem profissional como a da pesca exige do pesquisador uma reflexão tanto das questões lexicais, como também etnolinguísticas, considerando que essa atividade é exercida pelos pescadores e marisqueiras e, ao mesmo tempo, é compartilhada entre os moradores das regiões, que por sua vez compartilham, também, a linguagem. Nesse contexto de vida e trabalho, esses indivíduos chegam diariamente de suas casas e saem para pescar no mar, e no rio, como em Siribinha, ou chegam do mar após dias pescando, como em Bom Jesus dos Passos. Tratam e comercializam seus pescados, fazem a manutenção, confecção e limpeza das embarcações, confeccionam as redes de pesca e dividem histórias diversas não só com os colegas de profissão, mas com todos que vivem na comunidade.

Nesse sentido, um estudo consistente da língua é aquele que, a partir de um modelo teórico contemple, igualmente, os pontos de vistas de diferentes campos, tais como o social, cultural, psicológico, antropológico, dentre outros. Para atingir esse fim, dificilmente será possível lançar mão de uma teoria geral ou um modelo teórico único.

Igualmente, há, nessa direção, ramos da linguística que são interdisciplinares, e acabam por abarcar o uso de técnicas e conceitos teóricos semelhantes, como a sociolinguística, que estuda a linguagem e a sua relação com a sociedade. A etnolinguística, por sua vez, investiga a linguagem e a sua relação com a cultura. A lexicologia, no que concerne ao estudo científico do léxico, e também a Dialectologia, enquanto ramo dos estudos linguísticos que se compromete com a identificação e descrição dos usos diversos que uma língua se difere, seja no âmbito espacial, sociocultural e temporal.

Segundo Coseriu (1978), a etnolinguística, do ponto de vista linguístico, é uma disciplina linguística, portanto nem etnológica, nem etnográfica, que trata do estudo da variedade e variação da linguagem, bem como da sua relação com a civilização e a cultura. Trata, assim, das relações entre língua e cultura na sociedade a que pertencem os falantes de um determinado

grupo sociocultural.

Numa perspectiva sincrônica, este ramo da ciência firmou-se como decorrência da necessidade de se entenderem as variáveis extralinguísticas como sexo, faixa etária, gênero, estilo e, principalmente, as variáveis culturais, bem como os níveis de linguagem que permeiam os pensamentos e o modo de ser e de viver das comunidades.

Percebe-se, portanto, que a linguagem enquanto um conjunto de práticas culturais, pode ser analisada sob diferentes perspectivas que podem abarcar disciplinas como a antropologia linguística, em caráter interdisciplinar, a sociolinguística, com o estudo da relação língua-sociedade e a etnolinguística, ao observar a relação entre língua-cultura.

Os estudos etnolinguísticos têm se preocupado com as funções da comunicação, ou seja, questões que envolvem a história sociocultural das comunidades de fala, suas origens, os meios de comunicação utilizados, a relação da linguagem com a visão de mundo e a organização social, as desigualdades sociais e linguísticas, entre outras preocupações que impliquem direta ou indiretamente na comunicação dos falantes.

Embora seja uma disciplina ampla e de difícil conceituação, principalmente por seu caráter recente, a etnolinguística engloba tanto os aspectos culturais como os aspectos antropológicos de uma língua. Esta nova disciplina, considerada interdisciplinar, estuda, desse modo, as etnias. Velarde (1988), a partir da visão antropológica, entende a etnia como grupo humano onde a coesão social une os membros entre si, baseados principalmente na unidade das formas de viver, da vocação histórica e da concepção de mundo, além de ser a etnia o conjunto de indivíduos que compartilham a mesma cultura.

Para Lyons (2009), o conceito mais aceito de cultura, para fins de estudos da linguagem, é o conhecimento que é apreendido socialmente pelo indivíduo, por ser membro de determinada sociedade. Nesse sentido, a cultura estabelece, para cada pessoa, um contexto do comportamento cognitivo e afetivo que permite interpretar a realidade. Seu contexto, no entanto, deve ser entendido como algo dinâmico e não como algo monolítico e estático.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de determinada cultura.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

Ao se estudar a linguagem profissional de uma comunidade é possível se estudar o léxico, ou seja, palavras escolhidas para transmitir-se e comunicar-se com o mundo. É sabido que a cultura de um povo se expressa, entre outras formas, pelo léxico ou pelas unidades terminológicas. Daí o interesse na descrição e análise da linguagem da pesca em comunidades baianas, pois há a possibilidade do registro e da documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado nessas regiões.

Além disso, por estar subordinado às funções sociais de designação ou de nomeação da realidade, e sendo o principal objeto de estudo da lexicologia, o léxico fornece um vasto material para análise aos linguistas, particularmente aos dialetólogos e sociolinguistas, uma vez que conserva uma estreita relação com a história cultural da humanidade.

No que se refere à Lexicologia, segundo Biderman (2001, p. 16), esta é definida como a “[...] ciência que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.” Nesse sentido, cabe a ela se debruçar sobre a organização interna do léxico, no que concerne o estudo e a classificação da palavra e suas categorizações léxico-gramaticais. Por meio desta ciência, é possível a descrição e a observação científica do léxico através de dados que muitas vezes revelam a experiência cultural, mudanças históricas e sociais responsáveis pela produção do discurso de uma determinada comunidade linguística.

Quanto à Dialectologia, esta tem papel fundamental, pois, ao assumir os estudos de sistematização de uma língua, permite a aproximação a partir de duas perspectivas: pelo rastreamento e mapeamento espacial da variação de um traço qualquer da língua ou pela observação das peculiaridades linguísticas de um território para a delimitação de uma ou várias zonas dialetais.

A respeito do espaço geográfico e sua relação com a Dialectologia, Cardoso (2010, p. 15) considera:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a vontade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Por fim, é através desta disciplina que os estudos linguísticos buscam identificar, delinear e estabelecer os diferentes usos e formas de diversificação de uma língua, de acordo com a sua distribuição espacial e sociocultural, como a linguagem da pesca, o que evidencia a importância de estudos dessa natureza.

Reconhece-se, assim, a intrínseca relação entre o léxico da pesca, aqui estudado, e a etnolinguística, uma vez que a linguagem da pesca, em particular, resguarda muitas informações de cunho cultural, por conta do seu caráter peculiar relativo a uma atividade profissional específica, e também dialetal e sociolinguística, por considerar que as comunidades estudadas estão inseridas em determinado espaço e resguarda características diastráticas diversas, além de aspectos culturais intrínsecos.

Metodologia

Os estudos realizados em Siribinha e Bom Jesus dos Passos, quanto aos critérios metodológicos, adotou a seleção de 12 informantes, seis em cada comunidade, de ambos os sexos, atendendo a três faixas etárias distintas (18 a 26 anos, 30 a 45, e 50 em diante), para que fosse possível analisar aspectos em tempo aparente (LABOV, 2008). Além disso, foram realizados inquéritos *in loco*, a partir da aplicação de um questionário de 100 questões – sendo 96 do tipo onomasiológico – baseado na metodologia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (COMITÉ..., 2001), no questionário reduzido do *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) (VITORINO, 1987), e nos trabalhos consultados sobre a linguagem da pesca.

O questionário incluiu ainda quatro temas para registro de discurso espontâneo: relato de algum acontecimento importante na sua vida pessoal ou na comunidade; a descrição de como se constrói a embarcação; algum evento ou acidente no mar; e a descrição de algum tipo de invocação ou entidade que ajude a pescar. Esta última, inclusive, se mostrou bastante produtiva, sobretudo em Siribinha, a respeito da lexia *caipora*, que será comentada mais à frente.

Quanto ao perfil dos informantes, destaca-se ainda que o fato de terem sido selecionados apenas pescadores e marisqueiras impossibilitou que os pré-requisitos preconizados pela Dialetologia fossem seguidos à risca, o que exigiu que se incluíssem informantes não nativos, ou mesmo filhos de pais não naturais das localidades. No que se refere à escolaridade, os informantes são analfabetos ou semianalfabetos, em sua maioria, embora este fator não seja determinante para exercerem as atividades pesqueiras ou de mariscagem.

O presente artigo esboça, assim, alguns dos resultados da pesquisa de mestrado realizada nas localidades de Siribinha e Bom Jesus dos Passos quanto à linguagem da pesca e suas marcas culturais, através dos olhares possíveis à luz da Etnolinguística.

Siribinha: entre o mangue e a maré

Vila de pescadores situada entre o rio Itapicuru e o mar aberto, Siribinha possui clima, vegetação e traços geográficos peculiares, que lhe imprimem características diversas. Está localizada a cerca de 14 km ao norte do município de Conde, Bahia, e possui cerca de 400 habitantes, que vivem basicamente da pesca artesanal e do turismo. Não há pavimentação asfáltica, estando quase que completamente isolada em relação à cidade, apesar de estar à beira da faixa costeira e muito próxima da BA-099 (Linha Verde). Possui extenso manguezal que

vai do rio até a foz, ou “boca da barra”, para os nativos. O mangue, rico em diversidade de crustáceos e mariscos, também é uma das principais fontes de sustento para os moradores.

A pesca é realizada tanto por homens como mulheres, em pequenos barcos artesanais, de madeira, construídos pelos próprios pescadores. Os homens pescam principalmente na praia de Siribinha, utilizando tarrafas, redes ou cofos. Em duplas, jogam a rede pela madrugada e voltam à tardinha para buscar, de acordo com o movimento das marés. Por conta das dificuldades no inverno, tais como fortes ventos e a força das marés, muitas vezes não conseguem pescar no mar aberto, e passam a buscar o pescado no leito do rio e na foz.

As marisqueiras pescam principalmente no rio e no mangue, evitando o mar, embora tenha sido registrada a existência de duas informantes que disseram nele já ter se aventurado. A elas cabe o trabalho de mariscagem no rio e mangue, que oferece desde caranguejos e aratus a mariscos de conchas, além de siris e camarões. Costumam atravessar o rio em grupos de seis a oito pessoas, entre mulheres e crianças, em barcos a remo, ou nas lanchas a motor, em busca de mangues para mariscarem aratus.

Figura 1: Ponte que dá acesso ao rio Itapicuru, em Siribinha.



Fonte: a autora.

Bom Jesus dos Passos: religiosidade, pesca e tradições

Bom Jesus dos Passos é uma ilha, e está localizada na Baía de Todos os Santos, sendo considerada um bairro de Salvador, Capital do Estado da Bahia. É muito importante do ponto de vista histórico, por ser uma das mais antigas ilhas a serem povoadas à época do descobrimento. É amplamente conhecida no estado por sua religiosidade e por suas atividades pesqueiras, além de ser uma das menores e mais populosas entre as ilhas da baía. Os moradores vivem basicamente da agricultura familiar, da pesca de peixes e mariscos. Muitos moradores, no entanto, por conta da proximidade, se deslocam para os municípios de Madre de Deus e Candeias para trabalhar ou estudar.

Bom Jesus dos Passos traz ainda relevantes contribuições para a história da criação de Salvador, conforme descreve uma moradora da região, A³, a respeito de uma planta nativa, a *pataíba Assu*. “É, palmeira grande. É, tem uma na frente da igreja, né? Que eu plantei”.

De acordo com relatos de A., a ilha foi habitada por índios tupinambás, tendo sido, inclusive, alvo de ataques de holandeses em 1624.

Bom Jesus foi praticamente descoberto junto com o Brasil... porque nós estamos pertinho de Salvador, e... era uma ilha, pequena, habitada pelos índios tupinambás. Daí, apareceram os portugueses que ficaram catequizando... veio muito padre, jesuítas, pra'qui. (...) Também sofremos a invasão holandesa, em 1624, os holandeses se apoderaram daqui. Então, antigamente, as pessoas aqui eram olhos azuis, ou verdes... e... eram pessoas de pele bem fina, branca. Tem muita descendência deles ainda, dos portugueses, e alguns escravos que eles também trouxeram. Depois, deve ter infiltrado muita gente, pra lavoura, porque Bom Jesus era uma fazenda. Não era uma ilha, como é hoje, nem a cinquenta anos atrás. Tinha poucas pessoas morando. Se vivia muito da pesca, porque a ilha era pesca.

Posteriormente, a ilha pertenceu a duas irmãs, Rosa Maria dos Santos Passos e Margarida Teles, que dividiram a posse da ilha em duas partes. Dona Rosa ampliou uma capela que já existia, e por não ter se casado nem ter tido filhos, deixou suas terras para a igreja, ficando a outra metade pertencente à União. Passou a se chamar Bom Jesus dos Santos Passos em devoção ao santo de mesmo nome, e em homenagem à dona Maria Rosa dos Santos Passos, pela sua dedicação à igreja e à ilha.

Figura 2: Vista da igreja na ilha de Bom Jesus dos Passos.



Fonte: a autora.

3 A. tem 68 anos e é nativa da ilha de Bom Jesus dos Passos. Através de conversas informais com antigos moradores e de pesquisas nos livros da igreja, ela e seu irmão, I., também nativo, vêm reunindo informações históricas e culturais da ilha e pretendem escrever um livro sobre a região.

Para este texto, selecionaram-se algumas formas lexicais que permitiram identificar aspectos etnolinguísticos relevantes nas comunidades estudadas. Em Siribinha, destacam-se as formas *almofada* e *caipora*, além das distinções entre *siri do rio* e *do mar*. Em Bom Jesus dos Passos, as características específicas são observadas pelos usos de denominações como *catraia*, *fachear*, *cravar de sol*, *denço* e *repixéu*.

A pesca nas comunidades: nuances e linguagens

Quanto à atividade pesqueira e seus contextos, Siribinha apresenta algumas particularidades. No universo das mulheres, no que aspecto relativo à mariscagem, destacam-se alguns dos principais tipos de mariscos característicos na região, mencionados pelos informantes, tais como aratu, caranguejo, siri e a *almofada*, marisco pequeno, que apresenta bolinhas brancas na sua superfície. Não são comestíveis, mas servem de isca para a captura dos demais mariscos.

Sobre os siris, as informantes distinguem os que vivem no rio dos que vivem no mar. Estes últimos, embora não possuam uma única lexia, foram descritos pela maioria dos informantes:

INF. - O siri do mar... tem os pintadinho, e já outros maiores no... lá fora.

INQ. - chama como?

INF. - Siri mesmo, normal. (qual a diferença do siri do rio pro do mar?) Porque o do mar ele é amarelinho e... todo pintadinho o casco, e o do rio não, sempre o casco é dessa cor... (Mulher, faixa etária 1, Siribinha).

A *caipora*, entidade que vive no mangue ou no rio, embora dicionarizada⁴, não apresenta o mesmo sentido utilizado pelos informantes. Para eles, trata-se de um ente invisível que zomba ou brinca com os pescadores, se disfarça de alguém conhecido ou simplesmente chama o indivíduo pelo nome, fazendo-o se perder no meio do mangue ou enquanto rema no rio. A vítima perde a noção do tempo e de espaço, tendo a impressão de estar perdido por horas, mas pode levar apenas alguns minutos sem saber onde está, ou ainda estar muito perto de outras pessoas e acreditar estar sozinho. Para se livrar do efeito da *caipora*, é necessário que se desvire uma peça de roupa, para que o encantamento desapareça.

Eu me lembro assim, que... o pessoal fala que... às vezes quando tava pescano no mangue aí... às veze, de repente tava num lugá e pensava que você tava seguino p'um lugá... lugá certo e... não tava e... as pessoa começava a chamá pra saí de den'do mangue e, de hoje que você anda, anda, anda... e... nada de você consegui saí. É... dizia que era a *caipora* que enganava... (risos). Dizia que a *caipora* enganava, e que é... virá as roupa às avessa... aí conseguia chegá no lugar que queria... aí desvirava. (Mulher, faixa etária 1, Siribinha).

4 Segundo o dicionário Houaiss (2001), *caipora* significa “entidade fantástica da mitologia tupi, muito difundida na crença popular, talvez derivada da crença no *curupira*, do qual seria uma variante, e que é associada às matas e florestas e aos animais de caça, dele se dizendo que aterroriza as pessoas e é capaz de trazer má sorte e mesmo causar a morte”. Esta acepção condiz com Caldas Aulete (1970) e Ferreira (2004), conforme dados da pesquisa.

Veza gente se perdeu... a gente foi pescá lá no Góes... aí quando a gente chegô lá nós pescô, pescô, pescô, aí quando... nós cheguemo... longe, aí, ...um bora vortá, ... aí nós foi vortá. Aí quem disse que a gente vortô? cheguemo num lugá assim pareceno um porto, e tinha uma... uns cóvo, assim... que o povo deixa lá den'do mangue. Aí nós caminhô, caminhô, caminhô,... achando que nós tava caminhano pá den'do rio, aí nós tava caminhano pa den'do mangue, mais. E a outa tava... era três. Duas tava errada, e uma tava certa. A que tava certa chegava ... (risos) chegava a chorá pra gente num ir... (risos) e a gente entrano pá den'do mange, e ela não é pra lá não, mas só que a gente não se confiava mais, achava que ela tava... que quem tava mentino era ela, e ela dizeno que a gente é que tava mentino... e a gente andemo, andemo, andemo que cansemo. Quando a gente viu mermo que tava trapaiada (risos) ... aí era longe, aí um bora vortá... vortemo. Aí lá vem nós. Aí quando chegô longe, aí pronto, paremo. Aí a outra começô quereno chorá também, a que tava certa já queria chorá... aí eu, já me dava vontade de dá uns grito... aí, não, não... vamo gritá não. Bora tirá a rôpa. Aí... que tem isso, quando a pessoa se perde, a gente tira a rôpa. Aí tirô a rôpa... só tiremo a brusa... tiremo a brusa, aí botemo pelos avesso. Quando nós caminhemo, num tava nem vinte ba ... é... vinte metro do lugá que a gente tava (risos)... nós chega tava cansada de tanto andá percurando esse caminho... de tanta pisada da gente por cima do caminho mermo, e sem apressá aonde era. Inté quano a gente chegô no rio, que peguemo o barco, ainda tava assim, o... jeito ainda tava assim diferente o rio... tava um jeito de estranho... nós cheguemo em casa nesse dia de tarde... bem de, tarde mermo. (...) o povo fica falano que é a *caipora*... que a *caipora* enganô. (Mulher, faixa etária 2, Siribinha).

Em Bom Jesus dos Passos foram selecionadas as formas *catraia*, para pequena embarcação, *fachear* e *cravar de sol*, modalidades de pesca, e *denço*, e *repixéu*, instrumentos de pesca, descritos sobretudo pelas mulheres para desenvolverem as atividades relacionadas à mariscagem.

A pesca em Bom Jesus é realizada por homens, nas águas da baía, em dupla ou trio, em pequenos barcos motorizados, as *catraias*.

INF. - A gente pesca assim... fica duas pessoa na popa, no lugá que governa... pra arriá a groseira... A gente deixa no motor, in na.. a gente vai... arreia no motor. Aí vai todos dois iscano, e largano a groseira. Iscano, e largano, iscano e largano. Na hora que termina assim, a gente pega arreia a poita, até amanhecê, a gente vai, dorme, na hora que amanhece a gente vai, puxa. Pelo meno só uma pessoa só que puxa. E outro remano.

INQ. - Isso de groseira. E com as redes?

INF. - Com a rede até uma pessoa mermo vai. Arreia... até uma pessoa mermo arreia uma groseira. Ou a rede!... (Homem, faixa etária 2, Bom Jesus dos Passos).

Figura 3: Pescador na ilha de Bom Jesus dos Passos.



Fonte: a autora.

Já a mariscagem é exercida principalmente por mulheres e crianças nas praias, coroas e manguezais, para a extração de moluscos e crustáceos. As mulheres pescam nas coroas dos mangues, que ficam próximas à ilha com facho de lanterna. Geralmente, pegam carona nos barcos dos homens, em pequenos grupos de seis ou oito marisqueiras até as coroas.

Fachear é um tipo de pesca realizada com o uso de lanterna ou candeeiro em *noites de escuro*⁵, geralmente para pescar siris. A *lexia* está relacionada com o sentido genérico de *facho* que, de acordo com Houaiss (2001), consiste em “[...] tudo o que emite luz, clarão; luzeiro, farol, lanterna, etc”. A atividade foi descrita por uma informante do sexo feminino, faixa etária 2, de Bom Jesus dos Passos, para a pesca do siri: “(o siri) *Pega de noite, fachiando, de noite... com um repixéu... de noite eles (os siris) ficam abestalhado...*”.

Repixéu, não dicionarizada, pode ser variante fonética de *currupixel* que, de acordo com Aulete (1970), significa “[...] (Bras., Bahia) vara comprida, com um saco numa das extremidades para apanhar frutos”, não se configurando como a mesma acepção utilizada pelos informantes. Porém, de acordo com Soares e outros (2009), em pesquisa sobre pesca e produção pesqueira no litoral baiano, *currupixel* é um tipo de pesca com características manuais, ou seja, instrumentos utilizados nessa modalidade que dispensam o uso de petrechos tradicionais, geralmente por mulheres e crianças que, geralmente em grupos, se deslocam, a pé ou embarcadas, até os baixios lamosos e/ou arenosos na baixa-mar.

Cravar de sol consiste em lançar a rede à tarde, a depender do movimento das marés, deixar a rede no mar, e retornar para suspendê-la quando o sol estiver se pondo. A esse respeito, descreve a mesma informante:

⁵ Segundo os informantes das duas comunidades, significa as noites em que não há lua, ou se está em lua nova.

Porque tudo é rede de fundo, também, que arreia de dia. Deixa lá, no mar, vem pra casa, aí, tem pessoas que faz aqui cravar de sol, né? A gente chama *cravado de sol*. *Cravado de sol* a gente arreia a rede perto do sol cravar, de tardezinha. Deixa um tempinho, depois puxa (Mulher, faixa etária 2, Bom Jesus dos Passos).

Dengo é uma modalidade de pesca, descrita pela informante como sendo “[...] dois anzóis e a chumbada. Tem o *dengo* grosso, que é pra peixe maior... (mulher, faixa etária 3, Bom Jesus dos Passos)”. A forma não possui dicionarização com o mesmo sentido utilizado pelos informantes.

Considerações finais

Com base na pesquisa de campo realizada nas comunidades pesqueiras de Siribinha e Bom Jesus dos Passos, podem ser feitas algumas considerações sobre o léxico da pesca.

Foi possível identificar contribuições tanto do ponto de vista geossociolinguístico, sobretudo pela identificação de peculiaridades na linguagem, como etnolinguísticos, no que diz respeito à vida e cultura dessas regiões. Identifica-se, sobretudo, uma linguagem produtiva, específica e compartilhada pelos pescadores e marisqueiras, e pelos integrantes da comunidade de fala, através da atividade de pesca artesanal, já que esta é realizada, na maioria das vezes, no seio familiar e comum aos membros da comunidade.

A partir da análise dos dados brevemente esboçados, comprova-se e explica-se a influência de fatores extralinguísticos na linguagem da pesca utilizada nas comunidades, tais como as diferenças de usos geracionais, que apontam, em muitos casos, para mudanças linguísticas e de gênero, como se pode observar na comparação da atividade pesqueira desenvolvida por homens e mulheres.

Do confronto entre as comunidades, identificaram-se algumas lexias peculiares, como como *almofada*, em Siribinha, para o tipo de siri utilizado como isca, sobretudo nas atividades de mariscagem, mais comum ao universo das mulheres, e a *caipora*, figura lendária que habita os rios e mangues, confundindo e enganando os pescadores e marisqueiras. Em Bom Jesus dos Passos, as características específicas são observadas pelos usos de denominações como *catraia*, para a embarcação utilizada na pesca, *fachear*, *cravar de sol*, *dengo* e *repixéu*, modalidades referentes às atividades das marisqueiras.

Foram identificadas, ainda, particularidades e divergências no confronto entre as comunidades. As semelhanças são muitas, visto que se trata do desenvolvimento por ambas de uma atividade comum, que utiliza muitas vezes uma linguagem própria. Quantos às diferenças, explicam-se pela forma como cada comunidade a desenvolve, além da influência da cultura e história de cada região.

Por fim, estudos como os apresentados neste artigo, que permitam perceber a realidade linguística, são extremamente relevantes, pois possibilitam o conhecimento com a língua e a cultura das comunidades de fala. Estudos de caráter dialetal e geossociolinguísticos acabam por contribuir para o desenvolvimento de pesquisas não só na área da linguística, mas também da sociologia, antropologia, geografia e psicologia social, podendo constituir ainda fontes de pesquisa para posteriores estudos.

REFERÊNCIAS

CALDAS AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Questionário ALiB*. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. *Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística*. I CONSEL. João Pessoa: 1978. (Mimeo).

DULTRA, Thais. *A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2011, 212 f.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. Positivo Informática, 2004.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

SOARES, Lucy Satiko Hashimoto e outros. Pesca e produção pesqueira. In: HATJE, V.; ANDRADE, J. B. (orgs.). *Baía de todos os santos: aspectos oceanográficos*. Salvador: EDUFBA, 2009.

VELARDE, Manuel Casado. *Lenguaje y cultura. La etnolingüística*. Madrid: Síntesis, 1988.

VITORINO, Gabriela. *Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.